



O SER DA MODA COMO DEMÔNIO DA TEORIA
sobre O Ser e a Moda: a metafísica do vestir, de Ana Carolina Acom (2023)

Joana Bosak de Figueiredo¹

*Tanto na imagem como na rua, todos aqueles que se situam fora da ordem social são marcados por uma roupa ou atributo listrado, seja em razão de uma condenação (falsários, perjuros, criminosos), seja em razão de uma enfermidade (leprosos, débeis mentais, loucos)... (Michel Pastoureau, *O pano do diabo*, 1991).*

Fora da ordem acadêmica: talvez pudéssemos parodiar o medievalista francês Michel Pastoureau (1947), historiador da arte especialista em cores, para pensar o lugar de quem se ocupa da filosofia que discute as roupas, ou a moda. Incluo a trajetória de Ana Carolina Acom, aqui coroada por seu livro-tese, *O Ser e a Moda: a metafísica do vestir* (2023), naquela opção, a marginal; a excêntrica dos círculos acadêmicos.

Tal como Charles Baudelaire (1821-1867), que dizia que se para “o pobre Sócrates, só tinha um Demônio proibidor; o meu é um grande afirmador, o meu é um Demônio da ação, ou um Demônio do combate” (Baudelaire, 1996, p. 239)², Ana Carolina Acom entra na arena teórica para o combate de afirmação da Moda como Campo de conhecimento. Se também Pierre Bourdieu (1930-2002) entendia a sua área, a sociologia, como um esporte de combate, a fabuladora entra em campo para defender o seu ponto: em se falando de roupas, vestes, trajes, trapos, panos, figurinos, indumentárias, vestimentas, trajes de cena, enfim, estamos dentro do Campo da Moda, ainda que ela identifique a diferença entre o já instituído Sistema da Moda,

¹ Docente no curso Bacharelado em História da Arte, no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), líder do grupo de pesquisa História da Arte e Cultura de Moda (CNPq/UFRGS). Possui Pós-Doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Doutora em Literatura Comparada pela UFRGS, Graduada e Mestre em História pela mesma instituição.

² Baudelaire, Charles. Espanquemos os pobres! In: Baudelaire, Charles. *Pequenos poemas em prosa*. Florianópolis, Editora da UFSC, 1996, p. 239. Tradução de Dorothée de Bruchard.

aquele tradicionalmente aceito por quem se dedica - ou não especificamente - à área, que se constituiu em fins da Idade Média europeia, na disputa cíclica pela aparência.

Eu iria além: Antoine Compagnon, em *O Demônio da Teoria*, livro publicado no Brasil em 2001, e que acompanhou quem naquela época fazia seus estudos de pós-graduação nas humanidades (a que escreve incluída), nos diz que:

A teoria institucionalizou-se, transformou-se em método, tornou-se um pequena técnica pedagógica, frequentemente tão árida quanto a explicação de texto, que ela atacava, então, energicamente. A estagnação parece inscrita no destino escolar de toda a teoria (Compagnon, 2001, p. 13).

O livro *O Ser e a Moda: a metafísica do vestir*, oriundo da tese de doutoramento de Ana Carolina Acom (defendida na UNIOESTE, Campus Foz de Iguaçu, em 2021), trata exatamente de um Campo ainda não domesticado, revolto sobre si mesmo, poderíamos dizer até, parodiando Georges Didi-Huberman, em *Ninfa Moderna* (2016), *en repli*, nas dobras do conhecimento acadêmico, num aparentemente eterno plissado teórico. Porque o debate de Ana, em seu livro-tese é justamente o que desafia a postulação acadêmica, europeia, copiada por nós, colonizadas epistemicamente, sobre todas as teorias institucionalizadas que vêm de fora. (E aqui, por mais que citemos europeus, chamamos a atenção, para, a partir deles, pensar um Campo EM combate, assim como a própria produção do conhecimento).

Em ciências humanas, principalmente, novas pesquisas transformam verdades sempre provisórias: a permanência das perguntas, a contradição e a fragilidade das respostas, já afirmaria Compagnon, nos mostram que é “sempre pertinente partir das noções populares que a teoria quis anular” (Compagnon, 2001, p.18). E o que mais popular, próximo e frágil que essa camada superficial de que somos feitas, a roupa/a moda?

A teoria, “à custa de sua luta contra a Hidra de Lerna” (Compagnon, 2001, p. 18)³, se desmonta e se desdobra quando confrontada, quando posta em combate. De forma que filosofias consolidadas ou novas mudam nossos referenciais, que transformam e fabulam o mundo. Fabular, no livro aqui resenhado, atravessa o pressuposto inicial desta ciência: elaborar conceitos, entender o Ser e as coisas em si mesmos, em sua essência primeira; constituindo, portanto, a origem do debate científico. Na constituição de tal debate, pode acontecer que o que aprendemos a aprender se torne o que amamos e odiamos crítica e analiticamente, como por exemplo, a Moda. Volto a Compagnon: o que restou de nossos amores?⁴

³ Um demônio desmontável, na tradução de Ignacio Neis, para o poema La Table, de Francis Ponge, 2002.

⁴ Título da introdução do livro anteriormente citado, p. 11-28.

Em sua tese de doutorado, Ana Carolina Acom, mestra em Educação e doutora em Sociedades, Culturas e Fronteiras - além de graduada em moda e pedagogia -, transborda as fronteiras disciplinares nos mostrando o quanto aquilo que é dado como mais superficial em nossas vidas, as peles que habitamos todos os dias; são mais que segundas peles, como diria o artista Friedensreich Hundertwasser (1928-2000).

Essas nossas casas cotidianas, que podemos trocar, como armaduras ou envelopes provisórios, que protegem simbólica ou fisicamente, que endereçam uma ou outra mensagem; nos significam e nos nomeiam como humanos optantes por novas aparências todos os dias e carregam em si índices, como diria o também filósofo - e linguista - Charles Sanders Peirce (1839-1914), referência teórica e ferramenta metodológica de Ana. Esses índices, descritos por Ana Carolina na monografia de graduação em Filosofia, já nos idos de 2005, atestam formas de estar e ser no mundo.

Mas e a Moda, como grande conceito⁵ que carrega nossos panos, nossos cabelos, peles decoradas, sapatos e adornos de transformação corporal a que recorreremos ao longo da vida, o que a descreve? O que a nomeia? Como se diz?

A moda se diz de muitos modos, assenta Ana Carolina. Sua questão primordial é a ontologia do objeto: o que, em última instância é o Ser da moda? O que a atravessa?

Para a autora, a Moda deve ser precedida, quando estudada pelas ciências humanas, pela noção de Campo. O Campo, vindo dos debates da área da Sociologia, principalmente do já citado Pierre Bourdieu (1930-2002), é composto por um conjunto de relações e disputas. As disputas que aqui veremos são constituídas em torno, justamente, de qual o ambiente da Moda naquelas perspectivas que ultrapassam a mera visão mercadológica, mas que nos interessam em sua inteireza como constituintes fundamentais de nossas passagens pelo planeta, indo portanto, da cultura material em direção, cada vez mais, à elaboração teórica em torno de si porque artefato significante do humano.

A Moda como Ser não se sabe: nós, humanos, é que sabemos dela. O que podemos é dizê-la e encontrar em si o próprio Ser. Porque ao longo de sua história - e que Ana defende, a da existência da humanidade - a Moda existe. Seres humanos sempre se vestiram, se adornaram, se protegeram, se significaram através de peles de animais, plantas, sementes que colorem o

⁵ Esta é uma questão que muito nos ocupou ao longo dos anos e crucial no trabalho de Ana Carolina Acom: a despeito das disputas em torno dos termos moda, roupa, traje, figurino, aparências, alterações corporais; entre outros, especialistas acadêmicos em "tudo isso" no Brasil, se reúnem anualmente em um evento intitulado apenas "Colóquio de Moda". Ana vê, então, que este é o conceito que articula diversas formas de apropriação dessa produção humana, que tem como suporte inicial nosso corpo, mas que dependendo do tratamento, pode estar fora dele, como em museus, ou até na literatura ou em obras de artes visuais.

corpo, metais que o perfuram, lascas que o rasgam e criam cicatrizes, minerais que se entalham nos dentes. Ela pode estar nos corpos, nos museus, nas vitrines até (!), enterrada no solo dos *Hmong*, tronco dos povos *Miao*, para ser trabalhada pela terra.

A Moda dita por Ana Carolina é diversa academicamente e curiosa como sua própria autora: ela não “nasce” apenas em função da disputa por *status* social e registro de estamentos ao final de uma idade média ocidental, ao contrário do que quase todos os manuais e autores de história da moda tradicionalmente apregoam. Subvertendo uma visão acadêmica hegemônica, a filósofa fabuladora elabora em sua *moulage* conceitual que a moda está em jogo desde os primeiros instantes em que seres humanos passaram a colocar qualquer tipo de elemento que não a própria pele em si. A moda, como produto cultural original, é uma característica eminentemente humana, que se desenvolve em sincronicidade ao próprio ser que dela faz uso e a inventa, que para se cobrir ou se alterar fisicamente necessita caçar, plantar, desenvolver agulhas, linhas, instrumentos, tramas. O humano que se cobre e se transforma é habilidoso, portanto. Ele cresce intelectualmente enquanto se enfeita ou se protege. Ele se define como aquele que escolhe, talvez pela primeira vez, como ser/estar/parecer.

Por isso, a Moda de Ana pode ser o que antes se chamava indumentária etnográfica ou tradicional também, porque ela ultrapassa o raciocínio que funda o tal “Sistema da Moda” calcado na transição para a era moderna ocidental, vendo vestires e pareceres em todos os povos. Essa Moda, então, pode ser encontrada em museus de antropologia como fruto de pesquisa de cultura material, mas também em desfiles de Alta Costura. Pode recair no encontro de costumes de como populações em situações de frio extremo, como os *fueguinos*, que dos povos *selknam*, *haush*, *yaganes* e *kawésqar*, muitas vezes não se cobrem com peles no extremo austral do planeta, mas com gordura de animais marinhos, a fim de se protegerem do frio e intempéries, por exemplo. Ela mescla recortes de gabinetes de curiosidades por se inspirar de tantas formas em coleções contemporâneas de artistas como Alexander McQueen: a moda também é monstruosa e costura seres distintos, com partes extirpadas de outros; ela bem poderia ser caracterizada pela metáfora da criatura do Doutor Frankenstein. Cria modos de reprodução de padrões de beleza e feminilidade em figuras como Audrey Hepburn e Marilyn Monroe, bem como de contestação e subversão em corpos tatuados, marcados ou cortados por querer; no movimento *punk*, logo apropriado pela indústria com seus furos e coturnos, identifica povos iorubá, reis e rainhas em seus usos através dos tempos.

Ao pensar a essência primeira da moda, em sua ontologia, e ir da ideia sartreana do Ser que ao se perceber está condenado a ser livre, a autora nos convoca a pensar o fundo de nossas aparências: se só o tolo NÃO julga por elas, é porque, num primeiro momento é apenas a isso

que temos acesso. E a partir delas, de nossas superfícies, é que iremos tirando camadas de significado do que simbolizam nossas cores, modelos, pareceres mais arraigados.

Ana, portanto, vai fundo ao belo e ao feio, ao bom e ao mau, ao estranho e ao caro, ao que institui e ao que já foi. Com um discurso rico em referências teóricas e imagéticas as mais variadas, a fabuladora vai modelando um novo monstro/demônio todo seu e nosso: uma Moda a um tempo democrática, porque inclusiva de belezas e saberes múltiplos, porque transgressora de verdades até ontem tomadas por eternas; porque referente ao saber de seus pais e mães fundadores. Isso tudo não sem antes romper com o estabelecido, afinal, o Demônio (*daemon*) socrático, é tudo, menos conformista.

REFERÊNCIAS

ACOM, Ana Carolina. *O ser e a moda: a metafísica do vestir*. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2023.

BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa*. Tradução de Dorothee de Bruchard. Florianópolis: Editora da UFSC, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *A sociologia é um esporte de combate*. Documentário (2001).

Disponível

in:https://www.youtube.com/watch?time_continue=3&v=PFejoCxHA0w&source_ve_path=Mjg2NjY&feature=emblogo. Acesso em: 30 mar de 2024.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Literatura e senso comum. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

PASTOUREAU, Michel. *O pano do diabo - Uma história das listras e dos tecidos listrados*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993.

PONGE, Francis. *La Table*. Edição bilíngüe. Tradução de Ignacio Antonio Neis e Michel Peterson. São Paulo: Iluminuras, 2002.